

Evocando a passagem de Paula Frassinetti pelo Porto

Escrever sobre a passagem de Paula Frassinetti pelo Porto em 1875 não é, por certo, tarefa fácil, quando sabemos que esta religiosa, hoje Santa, fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Doroteia, aquando da sua visita a Portugal, fê-lo de forma tão discreta, que nenhuma notícia encontramos que assinalasse a sua vinda ao nosso País. Ficaram, apenas, alguns relatos, sobretudo registos epistolares e anotações manuscritas que permitem referir aspectos da sua presença em Portugal e, concretamente, no Porto. No entanto, relativamente a esta cidade, a escassez de dados é tão diminuta que pouco se pode referenciar. Parece-nos, contudo, de todo o interesse darmos a conhecer alguns aspectos da vida desta mulher que, em pleno século XIX, imbuída de uma fé inabalável, demonstrou enorme perseverança e coragem, num tempo marcado por profundas transformações quer a nível político, quer no plano socio-económico, cultural e religioso.

Paola Angela Maria Frassinetti nasceu em Itália, na cidade de Génova, no modesto bairro de Portória, no ano de 1809. Giovanni Battista Frassinetti e Arigela Viale receberam esta filha que se vinha juntar a dois irmãos já existentes, José e Francisco. Esta família completar-se-ia, mais tarde, com outros dois filhos, João e Rafael¹.

Neste seio familiar profundamente cristão, os quatro filhos seguiram a carreira sacerdotal e a filha foi também religiosa e fundadora de uma Congregação feminina, inovadora nos seus princípios fundamentais, no século XIX.

A infância de Paula decorreu tranquilamente na casa paterna, rodeada de um clima de grande afectividade. Mas, aos nove anos, a inesperada morte da progenitora veio alterar profundamente a vida desta família e, sobretudo, desta criança que assumiu com a sua tia Ana, as funções de dona de casa, já que seu pai ficara mergulhado na dor e na desorientação com a perda da mãe dos seus filhos, o mais velho dos quais tinha apenas treze anos.

No meio das obrigações familiares, Paula foi aprendendo a ler e a escrever com o próprio pai que, com medo de que as escolas e os mestres lhe estragassem a filha², preferiu ser ele a ensiná-la.

Alguns aspectos marcaram a juventude desta criança: cresceu num ambiente predominantemente masculino e teve uma educação diferente das meninas da sua época. De igual forma, se destacaram a sua coragem e a vontade de vencer dificuldades pois, desde muito cedo, aprendeu a enfrentar os problemas, a vencer o espírito de resignação perante as situações mais difíceis, encontrando soluções para os problemas que afligiam aqueles que a rodeavam: os mais pequenos, os mais pobres, os marginalizados, ou os mais esquecidos

¹ Deste matrimónio nasceram onze filhos, mas só sobreviveram cinco (nota manuscrita de João Battista Frassinetti).

² Rosa Rossetto — *Paula Frassinetti* «...em bicos de pés», p. 20.

por todos. A escola e a educação tornaram-se para Paula os meios privilegiados para vencer a miséria e a marginalização e promover a integração da juventude na sociedade do seu tempo³. Contrariando o que era vulgar na época, Paula Frassinetti considerava já o saber e o acesso à cultura como os meios para que a mulher se valorizasse, quebrando a secular subalternidade a que esta sempre tinha estado votada⁴.

Em 1830, o irmão José, pároco de uma aldeia da Ligúria, convidou-a a passar com ele algum tempo, a fim de Paula equilibrar a sua delicada saúde. O tempo decorrido na Paróquia de Quinto-al-Mare foi de reflexão e de convivência com as jovens da aldeia. Os diálogos frequentes sobre a Palavra do Senhor, ajudaram-na na descoberta da sua vocação de apóstolado.

No ano de 1834, a 12 de Agosto, dia de Santa Clara de Assis, no Santuário de S. Martinho de Albaro, concretizou-se a vontade de Paula Frassinetti com a sua consagração a Deus e a de outras seis jovens dando-se, assim, origem a uma comunidade religiosa que adoptou a denominação de "Filhas da Santa Fé". Este primeiro núcleo religioso teve de trabalhar arduamente para poder subsistir, pois foi seu propósito, desde o começo, manter uma escola gratuita para as crianças mais pobres, proporcionando-lhes além da alfabetização, também o ensino da costura e dos bordados, tudo num ambiente acolhedor e familiar, no sentido de aplicar o "dom de ensinar pela via do coração e do amor", num método em que "educar bem é transformar o mundo e conduzi-lo à verdadeira vida", tudo baseado no bom senso e respeito pela sensibilidade das alunas, sem castigos corporais ou psicológicos, sendo esta prática pedagógica uma característica verdadeiramente inovadora para a época.

Em 1835, D. Lucas Passi, um sacerdote de Bérgamo, amigo do Pe José Frassinetti, propôs a Paula que se encarregasse da Pia Obra de Santa Doroteia, instituição que ele fundara com a preocupação de cuidar das jovens mais pobres e necessitadas. Paula agarrou mais este desafio ligado à missão educativa, passando a assumir que as suas seguidoras deveriam "estar plenamente disponíveis nas mãos de Deus para evangelizar através da educação, com preferência pelos jovens e pelos mais pobres." A partir deste momento, a denominação de "Filhas da Santa Fé" foi substituída por "Irmãs de Santa Doroteia". Sob a inspiração das regras de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, Paula elaborou os estatutos das Irmãs de Santa Doroteia, adoptando a Congregação a espiritualidade dos Jesuítas e o cunho inaciano nas suas Constituições⁵. Em 1841, Paula chegou a Roma na companhia de duas noviças com a intenção de abrir uma casa da Congregação nesta cidade mas, só após muitas dificuldades, conse-

³ Roberto Sani — *Paula Frassinetti — a espiritualidade torna-se proposta educativa*, p. 9, 10.

⁴ *op. cit.*, p.13.

⁵ *Dicionário de História Religiosa*, vol. 4, p. 472.

guiu lugar numa humilde construção com três pequenos compartimentos de extrema pobreza, por cima de uma cavaliária, no beco dos Santos Apóstolos, onde se acolheram as primeiras religiosas. O dinamismo e o espírito empreendedor desta mulher, levaram o Papa Gregório XVI, em 1844, a confiar-lhe a direcção de Santa Maria do Refúgio, em Santo Onofre, onde esta estabeleceu a Casa Geral da Congregação.

O grande período de expansão do Instituto de Santa Doroteia teve lugar depois de 1850. Após a consolidação da obra na Ligúria e nos Estados Pontifícios, esta estendeu-se ao resto da Itália e ao Mundo: surgiram em Roma vários centros educativos, iniciaram-se as negociações para a abertura de uma casa em Nápoles, um internato em Bolonha e um orfanato em Recanati.

Em 1866, a Congregação chegou ao Brasil e logo depois a Portugal, por intermédio dos Jesuítas, mais concretamente por acção do Padre Francisco Xavier Fulconis que, na época, presidia à Missão Portuguesa da Companhia de Jesus e que, conhecendo o trabalho meritório da Congregação das Doroteias, dirigiu o convite a Paula Frassinetti para esta criar um colégio feminino em Portugal. A casa que vieram a ocupar as Doroteias situava-se em Lisboa, na Rua do Quelhas, num antigo edifício que tinha sido pertença das religiosas Agostinhas de Santa Brígida (conhecido por "Convento das Inglesinhas"), monjas irlandesas que em 1834 tiveram de abandonar Portugal, mas que não perderam a posse dos seus bens com a lei anticongreganista pois, por se tratar de propriedade estrangeira, esta não fora nacionalizada aquando da extinção das ordens religiosas.

O Padre Fulconis conseguiu que o edifício de Lisboa fosse comprado pela filha dos condes de Penamacor e que o mesmo fosse doado, uma parte às Doroteias e outra aos Jesuítas. Nascia, assim, o Colégio do Quelhas, em 1866. As três primeiras religiosas chegaram a Lisboa a 16 de Junho desse ano, de forma completamente anónima e à revelia das leis que vigoravam em Portugal desde 1834. Inicialmente, foram acolhidas por pessoas da nobreza e depois transferiram-se para o edifício do Quelhas. Seguiu-se a criação da casa da Covilhã que começou como escola para crianças pobres e foi depois entregue às Doroteias, em 1870. A direcção do Asilo de Vilar, no Porto, ficou sob a sua orientação, em 1873. Com estas três casas em Portugal, estava instalada no nosso País, a Congregação das Doroteias. As dificuldades que estas religiosas tiveram de vencer e os grandes progressos que aqui foram conseguindo, suscitaram na Fundadora o desejo de vir ao nosso País para visitar as Irmãs Portuguesas da Congregação, demonstrando-lhes o seu apreço e compreensão por um percurso marcado por tantos obstáculos, ultrapassados sempre com grande coragem⁶. A vinda a Portugal foi, por certo, um dos muitos desafios da vida desta religiosa, na altura, já com 66 anos.

⁶ G. Lubich e P. Lazzarin -- *Paula Frassinetti – mulher para hoje*, p. 165,166.

A partida de Paula Frassinetti e da Irmã Maria Elisa Vassallo com destino a Portugal foi, efectivamente, no dia 10 de Junho de 1875, pelas nove e meia da manhã, deixando a comunidade mergulhada num "silêncio sepulcral"⁷.

Em Génova, a 16 de Junho, já acompanhadas pela Irmã Doroteia (Rosa) Terenas, decidiram deixar de usar o hábito religioso, passando a vestir-se à secular para não despertarem as atenções, já que nesta cidade tomariam o comboio que as conduziria a Espanha, País que na época sofria a guerra civil dos "carlistas" que se transformara em profundas convulsões políticas.

A passagem por França levou-as a Marselha e a Lurdes, local onde permaneceram dois dias em grande recolhimento na gruta e no santuário, orando à Virgem Maria⁸. No dia 20 de Junho, a viagem prosseguiu em direcção a Bayona, onde tomaram conhecimento que os comboios estavam impedidos de circular devido aos "carlistas". Por este motivo, tomaram a decisão de viajar de barco por rio e depois pelo golfo da Gasconha, em direcção a Santander. A travessia foi de extrema dificuldade para todos os passageiros, pela dureza de um mar em fúria mas, nem esse facto levou a uma única queixa de Paula que tudo foi suportando com grande abnegação. Partiram depois para Madrid e daí foram em direcção a Badajoz. Só na manhã de 26 de Junho chegavam a Lisboa onde permaneceram até ao dia 12 de Julho, altura em que a Madre Fundadora partiu com destino à Covilhã, levando como companheiras as Irmãs Vassallo, Pingiani e Terenas. Foi também uma viagem muito complicada, sobretudo devido ao calor sufocante que se fazia sentir, à incomodidade do comboio e das peripécias que este proporcionava, aos trajectos fatigantes feitos a pé, ao cansaço provocado pelas mudanças de diligências, ao peso da bagagem, aos caminhos sem condições, com íngremes subidas e descidas à beira de precipícios...

Paula e as suas companheiras estiveram 7 dias na Covilhã (desde o dia 13 de Julho), deixando-a na noite de 20 para 21 de Julho. De diligência dirigiram-se para o Crato, onde tomaram o comboio que, às sete e meia da manhã seguinte, chegava a Vila Nova de Gaia (Devesas). O Porto ficava lá longe, na outra margem. Era necessário atravessar o rio, fazer subidas horríveis, percorrer caminhos sinuosos... Mas, a Madre Geral não esmorecia – mantinha-se calma, confiante, não mostrava receio do que ainda a esperava⁹.

Não sabemos se Paula e as suas acompanhantes fizeram a travessia do rio Douro pela ponte pênsil, ou de barco. Sabemos, sim, que a construção da ponte ferroviária de

⁷ Rosa Rossetto, *op. cit.*, p. 181.

⁸ *Memórias*, p. 380.

⁹ *Diário da visita*, p. 31.

D. Maria Pia já tinha tido início, desde Janeiro desse ano de 1875 e que, por essa altura, a empresa Eiffel, encarregue da construção da ponte, deveria ter já montado grandes estaleiros de suporte à obra e as movimentações de homens e materiais deveriam ser grandes. Pensamos mesmo que, aquando da visita de Paula Frassinetti ao Porto, esta cidade deveria ser um enorme amontoado de obras, dispersas um pouco por vários pontos da cidade, pois foi sobretudo a partir da década de sessenta do século XIX que teve lugar uma profunda transformação da cidade com grandes alterações no tecido urbano: muitos becos e vielas antigas desapareceram, alargaram-se ou prolongaram-se ruas, rasgaram-se outras, construíram-se pontes, encanaram-se ribeiros, levantaram-se por toda a parte novos edifícios e, com a indústria a desenvolver-se, proliferavam já as “ilhas” como verdadeiros viveiros da pobreza operária escondida no miolo da cidade.

Era o dia 22 de Julho de 1875 e chegar ao Asilo, hoje Casa de Vilar¹⁰, poder ter Missa e Comunhão eram as grandes metas a atingir nesse dia. Foi o que aconteceu e o que ficou registado no *Diário da Visita*: “Grande festa das Irmãs (mas também grande festa nossa, porque podemos ter Missa e Comunhão!). Aqui [Asilo e Orfanato] a água é boa¹¹, não salobra como em Lisboa; o sítio é alegre, a casa bela, grande e cómoda; até têm gás para iluminar a casa. Almoça-se com bastante apetite, mas estamos muito cansadas! Puderal! Após catorze horas de diligência, daquela maneira... e uma noitada de comboio!”¹²

Ao fim desse primeiro dia, chegou o fundador do Asilo, o Arcediago Ricardo Van Zeller, cujo acolhimento a Paula foi de grande afabilidade, “assim como o das mais nobres senhoras do Porto, como a Marquesa de Monfalim e Terenas, D. Júlia Ribeiro de Faria, a Condessa de Saldanha, a Condessa de Resende, etc. que sabiam quem era a Frassinetti, ali estavam, considerando uma grande honra e sumo favor o poder vê-la, pelo alto conceito em que a tinham.”¹³

Nesse primeiro dia da visita de Madre Paula, sabemos que choveu muito de noite e que, mesmo em Julho, os cobertores de lã, devem ter aconchegado os corpos cansados destas viajantes extenuadas que, talvez como a Irmã Vassallo nos relata, tenham dormido profundamente, nessa noite¹⁴.

¹⁰ O Asilo e Orfanato a que se refere o *Diário da visita* é hoje o Instituto Arcediago Van-Zeller, situado na freguesia de Massarelos, fundado a 13 de Maio de 1840 pelo sacerdote Ricardo Van-Zeller, Arcediago de Oliveira do Douro e Cónego da Sé do Porto. Destinava-se à instrução e educação religiosa de crianças de fracos recursos de ambos os sexos. Em 1873, a 7 de Janeiro, as Irmãs Doroteias chegaram ao Porto, a fim de assumirem a direcção do Asilo.

¹¹ Perto do Asilo existia a Quinta do Castanheiro onde brotava o manancial que abastecia a Fonte das Bicas, conhecida por ser “abundantíssima e excelente em tudo a água dessa fonte”.

¹² *Diário da visita*, loc. cit.

¹³ *Memórias*, p. 390.

¹⁴ *Diário da visita*, p. 31.

O segundo dia foi intensamente vivido no Asilo, desde as 6,30h, com a Missa e a Comunhão, a visita de um padre português e de outro italiano, jesuíta de Bolonha, a quem se confessaram. O contacto com as crianças do Asilo (36 internas e 56 externas), fez com que Paula as ouvisse ler e as encorajasse. Ela que sempre dera importância à aprendizagem, revelando desde a sua juventude a arte de educar, foi para com estas crianças desfavorecidas do Porto, também o "mottin de zuccaro" ("torrãozinho de açúcar"), como era chamada em Génova, pela forma afável como tratava as meninas, alunas dos diferentes centros educativos que foi fundando. Igualmente no Asilo, a serenidade, o amor para com todos e "uma rara capacidade intuitiva que a levava a penetrar facilmente no estado de alma dos outros"¹⁵ devem ter atraído a simpatia destas crianças, pois vivia-se um ambiente de muita alegria¹⁶.

Várias visitas marcaram este segundo dia: a Irmã Maria José de Castro Pamplona, Condessa de Resende, acompanhada pelas suas três irmãs (Maria Helena, Balbina e Juliana), o Arcediago Van-Zeller e muitas senhoras e cavalheiros que quiseram visitar a Madre Fundadora.

O dia 24 de Julho foi o terceiro da permanência de Madre Paula no Asilo e sabemos que estava nevoeiro e o ar era frio. A Fundadora fez a leitura com todas as Irmãs que entendiam o italiano e falou depois, entre outros temas, sobre a humildade.

Do dia 25 de Julho ficou registado no *Diário da Visita* que a Missa foi celebrada pelo Arcediago, com motetes cantados pela Irmã Pingiani, que houve Bênção do Santíssimo, que fazia frio e que, tal como nos dias anteriores, houve várias pessoas que acorreram ao Asilo para visitar a Madre Paula.

No dia 26 de Julho, o único registo que ficou é sobre o desejo da Madre Fundadora transferir para o Asilo o Noviciado, mostrando-se o Arcediago, acerca deste assunto, bastante receoso, devido a qualquer posição menos favorável tomada pelo Governo. Nesse dia, fizeram-se visitas aos ofícios¹⁷ e a Madre Geral sugeriu diversas modificações. A 27 de Julho nada de especial ficou registado no *Diário da Visita* sobre a estada da Fundadora no Asilo, apenas se destaca a referência de que se começara a escrever o relatório da viagem a Portugal da Rev.ma Madre Geral.

O dia 28 de Julho foi assinalado por visitas de despedida e pela leitura do *Diário da Visita*, feita no recreio do Asilo. A Madre Geral, na reunião à comunidade, falou às Irmãs sobre "O amor de Jesus ao sofrimento e como imitá-Lo". Depois, recomendou-lhes como lembrança as virtudes: "Caridade fraterna. Humildade. Silêncio e

¹⁵ Rosa Rossetto, *op. cit.*, p. 51.

¹⁶ *Diário da visita*, p. 32.

¹⁷ Secções onde se executavam algumas actividades, nomeadamente a rouparia, os locais de lavar e engomar roupa, a sala onde se costurava e remendava, etc.

inteira observância das Santas Regras”. Madre Paula despediu-se das Alunas, dando a cada uma, duas devotas imagenzinhas e oferecendo ao Sr. Arcediago um pequenino, mas belo quadro de Nossa Senhora de Lurdes.

É curioso sabermos que as Irmãs mostraram grande interesse e insistiram com a Madre Geral para que esta, quando chegasse a Lisboa, se deixasse fotografar, talvez no grande desejo de guardarem dela uma imagem que ficasse como memória para os vindouros. No dia 29 de Julho fizeram-se os preparativos para a partida e, com as malas prontas e as bolsas na mão, esperaram e fartaram-se de esperar... mas nunca mais chegava o coche que as deveria levar à Estação. Por isso, a partida ficou adiada¹⁸.

Tal como já acontecera em Lisboa, sabemos que também no Porto, Paula Frassinetti foi convidada a visitar os pontos mais notáveis da cidade, facto que ela recusou, sob o pretexto de que tinha vindo para se ocupar do bem das suas Irmãs e do Instituto. “Deixem as coisas notáveis para quem viaje por divertimento¹⁹.” “O meu mundo é o Instituto” – terá sido a sua resposta.

Chegou o dia 30 de Julho e depois de duas Missas houve novas visitas ao Asilo. Às 16h o coche estava pronto para saírem. O velho Arcediago veio ainda a tempo de se despedir das religiosas. Estas apreciaram a “bela vista das duas cidades separadas pelo rio Douro: Porto e Gaia” (...). Contudo, lamentavam ter que voltar a “(...) descer pelas horríveis ladeiras (...)”, pois o calor era sufocante. Quando chegaram à Estação havia muita gente e foi com grande dificuldade que Madre Paula conseguiu comprar os bilhetes para a viagem até Lisboa. Conversou na carruagem do comboio com as companheiras e, antes do comboio partir, ainda veio ao postigo para conhecer a Rev.ma Madre Geral e despedir-se dela, a Marquesa N²⁰.

A Irmã Terenas ficou no Porto e chorava amargamente. Era a hora da partida e todas rezavam.

Aqui em Portugal, Paula Frassinetti deixou “um pedacinho do coração”, como confessaria posteriormente, em carta envidá à Irmã Pingiani.

Aos setenta e três anos, no dia 11 de Junho de 1882, Paula morreu em Roma. As suas últimas palavras foram dirigidas à Virgem Maria: – “Senhora minha, lembrai-Vos de que sou Vossa filha”.

Foi enterrada no cemitério de São Lourenço. Mas, quando em 1903, se procedeu à exumação do seu corpo, este foi encontrado intacto. Três anos mais tarde, foi reaberto o caixão e o corpo mantinha-se incorruptível. Procedeu-se, então, à transfe-

¹⁸ *Diário da visita*, p. 33.

¹⁹ *Memórias*, p. 390, 391.

²⁰ Não conseguimos identificar esta senhora nobre.

rência do mesmo para a Capela da Casa Mãe, onde se encontra, desde então, exposto numa urna de cristal.

Por intercessão de Paula Frassinetti foram surgindo graças e milagres, tornando-se a sua veneração consistente entre muitos dos que tiveram o privilégio de com ela privarem. Em 1930, foi beatificada pelo Papa Pio XI e, no dia 11 de Março de 1984, durante uma cerimónia solene, em Roma, Paula Frassinetti foi canonizada pelo Papa João Paulo II, recebendo as honras de Santa e o direito às glórias dos altares, sendo o seu culto extensivo à Igreja Universal.

Paula Frassinetti esteve no Porto há 130 anos, na Casa de Vilar. O quarto que ocupou é hoje uma capela que evoca a sua passagem por esta cidade e que perpetuará o nome, a vida e o exemplo desta mulher que consagrou a sua caminhada na terra ao serviço dos outros, tudo fazendo com amor e por amor aos outros e em prol de uma missão educativa.

126

Maximina Maria Girão da Cunha Ribeiro*

* ESE de Paula Frassinetti.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Carlos Moreira de (direcção de) – *História Religiosa de Portugal e Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Mem Martins, 2000.
- ROSSETTO, Rosa – *Paula Frassinetti «...em bicos de pés»*, Liv. Apostolado da Imprensa, Braga, 1988.
- SANI, Roberto – *Paula Frassinetti – a espiritualidade torna-se proposta educativa*, Tradução de Província Portugal Sul, 2000.
- LUBICH, G. e P. Lazzarin – *Paula Frassinetti – mulher, para hoje*, Livraria Á. I., Porto, 1981.
- MARTINS, Maria Margarida Furtado – *Paula Frassinetti – uma Vida ao serviço da Educação*, Oficinas de São Miguel, Guarda, 1984.
- Memórias acerca da venerável serva de Deus Paula Frassinetti e do Instituto por ela fundado*, Edição da Província Portuguesa Sul, Torres Novas, 1998.
- VASSALLO, Elisa, Madre – *Madre Paula Frassinetti*, Linhó, 1963.
- VASSALLO, Elisa, Madre – *Diário da visita de Paula Frassinetti às Casas de Portugal*, 1875, Tradução e organização da Província Portuguesa Sul, Lisboa, 1992.